

CHICO BUARQUE E MIA COUTO: UM ENTRELAÇAMENTO POÉTICO ENTRE CONTO E CANÇÃO

Suelany C. Ribeiro Mascena¹

A partir do fazer poético da canção, *olhos nos olhos*, composta por Chico Buarque e inserida no álbum *Meus Caros Amigos* (1976) estabelecemos uma comparação com o conto *olhos nus: olhos* do autor moçambicano Mia Couto.

Tal conto foi publicado, recentemente, no livro *Essa história está diferente* (2010), composto por dez contos para as canções de Chico Buarque. Mia Couto é o único africano presente na obra, a qual possui a contribuição de escritores com diferentes nacionalidades. Ele consegue criar um vínculo entre a ficção e a música sem desmerecer a fonte de inspiração que é a própria canção. Em cada trecho da curta narrativa, Mia Couto traça espelhos e verdades contidas nos olhos dos personagens. Olhos que estabelecem conflitos jorram paixões, traições e mágoas de um verdadeiro amor. Por um lado, os olhos dos personagens são *nus* para o autor Moçambicano, uma nudez que em momento algum é vestida, no entanto, é mascarada com diversos trechos da história de Clarice e João Rosa. Por outro lado, Chico Buarque menciona os olhos *nos olhos* como ato necessário de encarar o amor que se foi.

Portanto, visamos aprofundar os aspectos citados acima e demonstrar a importância do diálogo entre os escritores africanos e brasileiros. Assim como suas respectivas contribuições literárias.

OLHOS NOS OLHOS

(Chico Buarque)

Quando você me deixou, meu bem,
Me disse pra ser feliz e passar bem.
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci,
Mas depois, como era de costume, obedeci.

Quando você me quiser rever
Já vai me encontrar refeita, pode crer.
Olhos nos olhos,
Quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais

E que venho até remoçando,
Me pego cantando, sem mais, nem por quê.
Tantas águas rolaram,
Quantos homens me amaram
Bem mais e melhor que você.

Quando talvez precisar de mim,
Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim.
Olhos nos olhos,
Quero ver o que você diz.
Quero ver como suporta me ver tão feliz.

¹ Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba.

É no conto *olhos nus: olhos*, de Mia Couto, que notamos o entrelaçamento poético com a canção *olhos nos olhos*, de Chico Buarque. A música é a grande fonte inspiradora do autor moçambicano. Nascido na cidade da Beira em Moçambique, ele é um dos olhares estrangeiros que compõem “essa história está diferente: dez contos para canções de Chico Buarque”. Na verdade é intencional o diálogo entre o compositor carioca e outros olhares multifacetados da literatura.

Na canção não há classificação das personagens, ela pode ser direcionada a qualquer leitor que se identifique ou tenha vivido situação parecida com os versos da música. Por isso que existe os interpretes, as várias versões das canções, a propagação da musicalidade, que com o seu ritmo e leveza encantam e emocionam os apreciadores do fazer poético. A partir de tal ponto de vista consideraremos, nesta análise, a música *olhos nos olhos*, de Chico Buarque como uma canção- poesia, pois traz em sua composição a essência da emoção através da linguagem. Sendo assim podemos atrelar a construção da música a poesia, segundo Bachelard:

Num curto poema deve dar uma visão do universo e o segredo de uma alma, ao mesmo tempo um ser e objetos. Se simplesmente segue o tempo da vida, é menos do que a vida: somente pode ser mais do que a vida se imobilizar a vida, vivendo em seu lugar a dialética das alegrias e dos pesares. Ela é então o princípio de uma simultaneidade essencial, na qual o ser mais disperso, mais desunido, conquista unidade (BACHELARD, 1994, p. 183).

É o universo e a simultaneidade citada por Bachelard logo acima que, buscamos demonstrar na canção de Chico Buarque. A música “segue o tempo da vida” ,assim como a poesia ela transcende a alma do leitor ou ouvinte na infinitude de anos, décadas ou séculos, desde que cause a sensibilização da palavra. A separação de um amor, a auto-estima ferida, o orgulho demasadamente extinto, são algumas das várias leituras e sensações que podemos observar na canção *olhos nos olhos*. Portanto, partimos de tais considerações para justificar o entrelaçamento entre música e poesia e posteriormente música e narrativa. Ambos unidos pelo fazer poético.

Já no conto nos debruçamos com personagens fictícios, que interagem entre si ao decorrer da narrativa. As histórias são descritas por um narrador em primeira ou em terceira pessoa, no caso do conto analisado, nos debruçamos com um narrador onisciente que expõe ,detalhadamente, os sentimentos dos personagens. Mia Couto decide em sua construção narrativa dar nomes aos “olhos nos olhos” imaginado por Chico Buarque: João Rosa e Clarice são eles.

Tendo em vista as nossas intenções em trabalhar com música e canção faremos um breve resumo de *olhos nus: olhos* para alcançarmos o diálogo existente entre os textos citados acima.

João Rosa, homem galante, que já se envolveu com muitas mulheres,mas nunca lembrava dos nomes talvez porque jamais tenha realmente amado alguém, exceto, Clarice. Um talvez de incerteza que quase sempre denuncia os amores eternos. João Rosa decidiu então apaziguar seu amor por Clarice com uma nova paixão, Adélia, é o nome da atual namorada. A embriaguez da sedução entrelaça o coração dos dois amantes, os olhos negros e a gramática refinada de João Rosa, atuam como *checkmate* na indecisão de Adélia. Muitas vezes ela não compreendia o significado de algumas poesias, mas do que importava? O seu corpo possuía inúmeros adjetivos que superavam a emissão de qualquer advérbio. Foi assim que começou a paixão vulcânica entre ambos.

João Rosa esquecia de apenas um detalhe, deixara toda as suas coisas na casa da ex-mulher. Roupas, livros, sapatos, vinhos e os infinitos dissabores do amor. Passou a morar na casa de Adélia, e adiava sempre a visita à antiga residência. A atual namorada não se conformava, porque ele sempre evitava retornar ao antigo lar. Se já não havia mais nada entre os dois porque resistir ao encontro? Mas era em tal situação que Adélia enganava-se, acerca de João Rosa e Clarice existia um silencioso emaranhado de entrelinhas.

Para extinguir o amor Clarice matou da memória João Rosa, ela fingia viver em luto eterno mediante a separação. Passou a esquecer da existência nos gargalos da bebida, embregava-se para não fazer mais parte do grupo dos esquecidos. Era assim que ela sentia-se, uma viúva de um amor morto. Já João Rosa afogava as dores da ausência de Clarice nos braços e pernas de Adélia, era um fogo corrosivo que tornava a recente paixão uma companhia essencial.

Após evitar por vários meses um reencontro com Clarice, Rosa, retorna ao antigo lar. Em cada batida da porta era como se a madeira lhe rasgasse a carne e cortasse a alma, o amor ali ainda existia. Clarice continuava em luto, profundamente, ferida pela partida do seu amado, entregava-se ao álcool, no entanto, a mágoa que sentia de João Rosa era imperdoável. O reencontro dos dois no antigo lar, onde viveram por anos, agora se resumia em cinzas, apenas os olhos permaneciam os mesmos; *nus* e entregues. “Clarice sabia: amar é um verbo sem passado. Uma vez tendo amado nunca mais se deixa de amar. [...] Amar e viver são verbos sem pretérito” (COUTO, 2010, p.210). Esse foi o resultado do primeiro reencontro; alfinetadas no amor ferido e a permanência do sentimento verdadeiro.

Até que um dia Clarice decide sair do profundo abismo em que caíra e dá uma reviravolta em suas atitudes. Trocou a bebida por roupas bonitas, as lágrimas por uma maquiagem estigante, decidira agora ser Adélia. Iria ganhar as ruas, conheceria novos amores, desejaria e ficaria com quem quisesse. Se João Rosa estava com outra porque ela ficaria sozinha e degustando os seus vinhos? O único consolo era a música *olhos nos olhos* de, Chico Buarque. Agora era a sua vez de provocar e se sentir desejada. Quando estava prestes a sair pela imensidão das ruas, Clarice, depara-se com João Rosa. Ele viera buscar os livros que haviam ficado, no entanto, sua ex-mulher não tinha mas tempo de atendê-lo. Clarice agora era do infinito mundo e para João Rosa ali acabava o seu. Observá-la atravessando a rua em busca de uma outra vida, não era o que os olhos de João gostaria de ver. Por isso hesitou pela partida da amada:

- Eu estou cego, Clarice!
- Você apenas está chorando, meu querido.
- Chorando, eu?
- Eu sei. Porque esses, no seu rosto, são os meus olhos. E lágrimas que não eram suas desceram como gota de chuva em vidro de janela (COUTO, 2010, p.210).

São com essas últimas linhas que Mia Couto finaliza o conto. Deixando o leitor a tirar as suas próprias conclusões sobre o término da narrativa.

Diálogo entre olhares

Tomando por base os conceitos atuais sobre intertextualidade, utilizaremos as considerações de Yury Tynianov e Julia Kristeva acerca dos diálogos existentes entre os textos literários. Tynianov, crítico e escritor russo, observou que os elementos retirados de um determinado texto e posto em outro possuía significados diferentes, quando empregado em outro contexto diferente do original. Tal constatação contribuiu para o

enriquecimento nos estudos de outros críticos como, crítica Julia Kristeva. Ela concluiu que: “Todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos como dupla (CARVALHAU *apud* KRISTEVA, 2007, p.50). Por isso nos basearemos em tal conceito de intertextualidade voltando-o para a nossa análise, privilegiando o fazer poético da canção e a estética narrativa.

O conto, de Mia Couto, *olhos nus: olhos* segue a mesma sequência dos fatos contidas na canção *olhos nos olhos*, de Chico Buarque. Em ambos os textos há o rompimento de um envolvimento amoroso. Na canção não é especificado quem seriam as personagens, já no conto eles ganham nomes: João Rosa e Clarice. A música trata de um desabafo feminino comprovado na seguinte passagem “Quando você me quiser rever/ Já vai me encontrar refeita, pode crer”. Visto que há uma superação do término do amor, pois na primeira estrofe da canção observamos: “Quando você me deixou, meu bem/ Me disse para ser feliz e passar bem/ Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci/ Mas depois como era de costume obedeci.”

A relação com entre os textos é clara, nota-se que a personagem Clarice no término do relacionamento age com dependência ao amor de um único homem, contudo, no decorrer da narrativa se restabelece com uma surpreendente auto-estima feminina: “Clarice estava um farrapo e queria que o mundo soubesse disso. Amigos lhe traziam relatos do seu deplorável estado.[...] Apesar disso, ela passara a usar luto (COUTO,2010, p.201). Na passagem acima notamos uma personagem entregue a melancolia do amor perdido, semelhante ao início da canção, anteriormente, citada. Entretanto, há os seus momentos de superação: “Já que havia inventado a morte e a loucura para João Rosa, ela inventaria uma vida outra para si. Ela se inventaria Adélia. Foi ao espelho e se fez bonita. Foi ao velho baú e se fez vaidosa. Foi ao fundo de si mesma e se fez mulher “(COUTO, 2010, p.213). É interessante notar na passagem acima que, Mia Couto, consegue ser tão conhecedor da alma feminina como Chico Buarque. As próprias mulheres, leitoras e ouvintes, do cantor carioca reconhecem o seu caráter feminino em suas canções. Partindo por tal ponto de vista é que reconhecemos além dos traços literários entre ambos, a essência feminina da leveza, da luta, da melancolia, do desejo e da perda do amor.

“É que venho até remoçando/ Me pego cantando/Sem mais nem porquê/ E tantas águas rolaram/ Quantos homens me amaram/ Bem mais e melhor que você”. Na canção, os versos acima expressam o desejo de provocar o outro (no caso, o antigo amor). Assim como uma vontade de ferir e exaltar a superação do que já passou. No conto *olhos nus: olhos* notamos duas versões de Clarice, uma de dor e outra de desapego, mas ambas suscitam o sentimento de mágoa e amor ferido vivenciado pela personagem. Nas passagens abaixo comprovamos a afirmação citada:

Para ela, há muito que se extinguiu a Vida. E não foi apenas dentro dela. A vida esvaiu-se no planeta inteiro.[...] O que restou foram dias ressequidos, sem lembrança do antigo calor vital. Faz lembrar os laivos de sol depois do poente. É isso que tomamos por Vida (COUTO, 2010, p.211).

Já em outra passagem, quase ao término do conto, Clarice mostra-se com outra personalidade. Uma mulher forte e decidida, diríamos que até amadurecida pelas lágrimas do sofrimento “João Rosa não chegou a bater à porta. Irreconhecível, Clarice saiu de casa, irrompeu para o mundo, adolescente e dona de si mesma como se a rua fosse o seu natural território” (COUTO, 2010, p.214). É a partir de tal fragmento que acontece uma reviravolta na narrativa, pois a sua aparência de fragilidade é trocada por

outra de superação. E na canção nota-se essa característica, porém paralela a outra, a de uma ligação ainda de dependência do antigo amor. ‘Quando talvez precisar de mim[grifo meu]/ Cê sabe que a casa é sempre sua[grifo meu],/ velha sim/ olhos nos olhos,/ Quero ver o que você me diz/ Quero ver como suporta/ me ver tão feliz’. As partes grifadas destacam uma ideia expressa de forma direta, mas emitida de maneira sutil, como se realmente não tivesse muita importância. Todavia, as intenções mantidas pela subjetividade do texto, invertem a postura de repugnância para dependência amorosa.

Tal característica diferencia-se do último capítulo do conto *olhos nus: olhos*, pois a personagem não deixa transparecer um desejo de reatar o antigo romance com João Rosa. Sua atitude é firme em esquecer o luto e a melancolia da antiga Clarice, que em dias transformou-se em uma outra mulher. Mesmo com outro perfil ela não consegue omitir o quanto ainda sofre com a separação do seu antigo amor. Isso é notado nas últimas linhas do texto, quando ao invés de seguir a rua sem se importar com as súplicas de João Rosa ela retorna e o encara. Clarice fixa-se seus olhos no ponto mais fraco de João local onde ele não pode mascarar seus sentimentos, os próprios olhos. É nesse encontro fracionado de segundos entre o piscar de olhos que o amor reapareceu, nu, tímido e triste. Ele agora chora mediante a descoberta da dor. Os olhos de João agora são de Clarice, e os dela agora são dele. Uma troca mútua e leal das inúmeras facetas do amor. Após longos meses perdidos na imensidão do mar, eles sem reaproximam, ainda que molhados, estão vivos e aquecidos pela emoção. Simplesmente, *olhos nus: olhos*.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Tradução José A. M. Pessanha. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BUARQUE, Chico. Olhos nos olhos. In: Chico Buarque. *Meus caros amigos*. São Paulo: Editora Abril, p.2010. Faixa 3.
- COUTO, Mia. Olhos nus: olhos. BRESSANE, Ronaldo. *Essa história está diferente: dez contos para canções de Chico Buarque*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CARVALHAL. Tania Franco. *Literatura comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2007.